

**Lopes, P. & Lourenço, J. (Eds.). (2023). Literacia(s) e
Cidadania(s). Livros Horizonte. 336 pp. ISBN
9789722420730**

Fernanda Bonacho

(Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa)

(fbonacho@escs.ipl.pt)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5616-7665>

Fernanda Bonacho: Professora Adjunta na Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa, onde coordena o curso de Mestrado em Jornalismo. Investigadora doutorada integrada no LIACOM, Laboratório de Investigação Aplicada em Comunicação e Média, Centro de Investigação da ESCS-IPL. Coordenadora da Cátedra UNESCO Comunicação, Literacia Mediática e Cidadania.

Submissão: 31/07/2024

Aceitação: 07/10/2024

Resumo (PT): O conceito de literacia refere-se a um conhecimento processual, um processo dinâmico e fluido centrado na capacitação para uma ação consciente e responsável. Este texto retoma múltiplas literacias clássicas e emergentes, que são essenciais para a reflexividade e o pensamento crítico, bem como para a agência e a ação. A literacia prova-se crucial para a cidadania, fortalecendo os indivíduos, permitindo-lhes viver uma cidadania plena, digna, ativa, participativa, livre, responsável e democrática.

Palavras-chave: Literacia, Cidadania, Média.

Abstract (EN): The concept of literacy refers to a dynamic and fluid knowledge process centred on empowerment for conscious and responsible action. This text takes up multiple classic and emerging literacies, which are essential for reflexivity and critical thinking, as well as for agency and action. Literacy proves to be crucial for citizenship, empowering individuals, and enabling them to live a full, dignified, active, participatory, free, responsible and democratic citizenship.

Keywords: Literacy, Citizenship, Media.

Literacia(s) e cidadania(s)

Este é um livro com 317 páginas, dividido em três partes: 12 capítulos na I parte, dois capítulos na II parte, e duas entrevistas na III parte. O texto encerra as questões mais pertinentes que se colocam hoje sobre literacia e cidadania, a nível nacional e internacional.

Como se diz no prólogo, os tempos desafiantes de uma sociedade hipermediatizada e fragmentada precisam de indivíduos capazes de responder de forma eficaz e apropriada aos desafios e oportunidades existentes (pp. 11–12).

A importância dos níveis de literacia mediática e a seleção das fontes de informação e desinformação são analisadas no estudo de Gil Batista-Ferreira sobre os cidadãos informados em tempos de infodemia. As conclusões do estudo desenvolvido no início do estado de emergência, com a maioria dos indivíduos em confinamento, demonstram que existiu um consumo de informação sustentada “em todas as fontes disponíveis (televisão, redes sociais, jornais digitais e Internet”, mas com os respondentes a atribuir “maior credibilidade aos meios de comunicação convencionais — à televisão e aos jornais.” Por seu lado, “as redes sociais, apesar de regularmente consultadas, mereceram a confiança de uma minoria” (p. 32). O que os dados do estudo também comprovaram foi “uma maior suscetibilidade a notícias falsas por parte de indivíduos que atribuem maior credibilidade à informação que encontram nos média sociais” (p. 33).

Por outro lado, o especialista em formação de professores e didática, Rui Marques Vieira, cita o Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória para dizer que as (multi)literacias e o pensamento crítico (e criativo) na educação se devem reconfigurar “para responder à exigências destes tempos de imprevisibilidade e de mudanças aceleradas” (ME, 2017, p. 7)” (p. 43), de maneira a criar novas “práticas didático-pedagógicas” que “fomentem múltiplas oportunidades para os alunos mobilizarem o PCC” (Pensamento Crítico e Criativo) e que permitam a avaliação do seu potencial (p. 51).

Paula Lopes lembra que nascemos iguais, mas também desiguais, no início do seu capítulo sobre a literacia mediática (e digital) e desigualdades sociais (p. 55). De facto, a verdade é que já não há dúvidas de que “as competências e os desempenhos das crianças e jovens se relacionam com as condições socioeconómicas das famílias” (p. 59), e de que “a educação [funciona] como um dos mais importantes elevadores sociais de combate às

desigualdades sociais” (p. 65). Contudo, apesar dessas certezas, também constatamos que “as múltiplas exclusões, nomeadamente digitais, se mantêm determinantes na reprodução de desigualdades” (p. 61). Ora, como avança a autora, se existem já propostas formais para a inclusão da educação para os média e a cidadania digital nos *curricula*, e os documentos necessários para responder a esta necessidade estão criados, não se entende aquilo que parece ser a falta de vontade de mudança, ou pelo menos o atraso dessas transformações (p. 67).

Fernanda Santos faz, entretanto, uma reflexão sobre a literacia financeira, e lembra, por exemplo, que “esta transformação digital exige agora que os consumidores possuam, além de uma forte literacia financeira, competências digitais para terem segurança, confiança e poderem participar amplamente no mercado financeiro” (p. 76). Porém, também conclui que a necessidade de melhorar a literacia financeira dos consumidores não deve “desresponsabilizar os operadores do mercado na sua atuação, [nem] as entidades supervisoras e reguladoras (...) na proteção (...) dos interesses dos consumidores” (p. 78).

Encontramos, entretanto, Saramago no texto de Paula Pina. E cito:

a escuta de quem bem nos quer, diz ou não diz, a partilha serena e natural, o ancestral acalanto da voz, do som, do gesto, riscam para sempre o quadro da memória que a todos permite ser, haja quem crie e conserve, mesmo que o mundo seja hoje tão diferente (p. 90).

Estas são palavras de uma experiente formadora em educação literária e autora e mediadora de leitura. Paula Pina Lembra que a “literacia é sempre, intrinsecamente, polimórfica, múltipla, plural” (p. 90), e sublinha a “necessidade de melhor se entender o papel do contexto familiar neste processo” (p. 94), através da aposta na “intervenção precoce, para trabalhar regularmente e com coerência e continuidade com bebés e famílias com vista a assegurar a capacitação e o fortalecimento das famílias” (p. 104).

A contribuição de Rita Espanha e Francisco Garcia traz o tema da literacia em saúde em Portugal, para concluir que os dois estudos mais recentes revelam inconsistências, nomeadamente em relação à constatação do aumento dos níveis de literacia em saúde, em simultâneo com uma baixa perceção dos níveis da complexidade envolvida nos processos de descodificação e de análise da informação sobre saúde (pp. 128–129). Outra nota interessante a destacar tem que ver com o facto de “a comunicação de risco em saúde portuguesa (...) se caracterizar por ser pouco clara, pelo excesso de informação e por

contradições, que em muitos casos aumentam as dúvidas da população (...), não cumprindo o seu objetivo principal de tranquilizar e informar o grande público” (p. 116).

Chega-se, entretanto, ao alvoroço causado pelo pé desmanchado da Luisinha nas “Catástrofes e as leis da emoção”, de Eça de Queiroz, trazido pelas “Duas ou três questões sobre literacia da informação”, de Eduardo Madureira. O autor desafia os leitores a pensar sobre a informação que valorizamos ou desvalorizamos, a informação que procuramos e aquela de que, de facto, precisamos (pp. 135–136). Recorre a Hans Rosling para lembrar que a urgência e o medo são capazes de desfigurar o olhar e deformar a nossa visão do mundo, acabando por concluir que, nos dias de hoje, sem um domínio da atenção seremos meros “cataventos à mercê dos algoritmos” (p. 149).

O alerta mantém-se com Jaime Lourenço, que utiliza as palavras de Sophia de Mello Breyner, “qualquer pessoa que tenha o mínimo de consciência cultural sabe que a cultura é uma das formas de libertação do homem”, para nos falar do jornalismo cultural. Sugere o jornalismo cultural como promotor de uma consciência cultural e de cidadania, na medida em que “fomenta um sentido de participação social e cultural ativa” (p. 154). Em resposta à afirmação de João Barrento de que, atualmente, “estamos a assistir ao desaparecimento da reflexão crítica, substituída por uma visão superficial, ligeira e festiva da obra por parte do jornalismo cultural” (p. 162), Jaime Lourenço alerta para dois sinais preocupantes: “um jornalismo que anuncia e festeja alegremente a existência de mais um livro, um disco, um filme, uma exposição”, e uma “aproximação a um discurso publicitário (...) confundindo-se com um manual de instruções que diz ao público onde comer, que música ouvir, que livros ler” (p. 162).

Tudo contribui para criar uma narrativa, como diz Carlos Pedro Dias ao analisar a força e importância das imagens, além da sofisticação a que estão acopladas hoje em dia. Compreende-se a preocupação com o facto de o jornalismo estar a ser afetado pela linguagem visual selecionada para cada evento significativo global. Muitas imagens têm-se tornado parte integrante de um caos informacional e são, muitas vezes, utilizadas de forma maliciosa (p. 175). Donde se conclui a importância da literacia visual enquanto parte fundamental da leitura do mundo que nos rodeia.

O mundo do cinema discutido por Maria do Carmo Piçarra apresenta vários projetos pioneiros e iniciativas na área, que têm promovido a educação (pelo e) para o cinema, e funcionado como “sementes e mudança no ensino” (p. 188). A autora não tem dúvidas da

limitação que é não se saber ler e escrever com imagens numa sociedade visual e o trabalho transformador do grupo informal os Lanternistas, por exemplo, comprova a importância dessa força do “cinema-olho, a partir do qual a realidade ganha outra complexidade e riqueza” (p. 192).

Bárbara Lobo, no capítulo seguinte, propõe uma discussão sustentada em documentos oficiais internacionais sobre as principais pedagogias, metodologias e epistemologias de ensino e aprendizagem dos Direitos Humanos e Direitos Fundamentais. Lembra que só “a partir de uma transformação individual altruística proporcionada pela intercomunicação entre conhecimento e sentimentos é possível a realização multidimensional, transindividual e glocal de culturas da paz” (p. 206).

No contexto mediático atual, o papel das mediações institucionais mais tradicionais desvaneceu-se e são os próprios média e os seus utilizadores que configuram o circuito comunicacional e o próprio tecido social. Esta é a mensagem sublinhada por Ricardo Torres e Bruno Reis num interessante estudo sobre a mobilização ocorrida em vários acontecimentos globais, entre 2009 e 2013, no capítulo “Movimentos sociais digitais: um *work in progress* de contestação” (221).

Na Parte II, Maria Emília Brederode Santos afirma, em entrevista a Sandra Gonçalves, que se deve “indisciplinar a escola” para a “abrir ao mundo, à complexidade e à liquidez” (p. 352). Os tais cês da Educação, Raciocínio Crítico, Colaboração, Comunicação, Criatividade, só vão funcionar, declara a entrevistada, se houver Confiança e Empatia como competências básicas e elementares, na base de toda a educação e da cidadania (p. 248).

Teresa Calçada diz a Carlos Pinheiro que a literacia corresponde a “uma evolução natural dos instrumentos que são necessários para ler o mundo” (p. 256) e deixa o alerta de que o insucesso nas nossas práticas de educação para os média, por exemplo, advém da escassez de trabalhos de investigação aplicada na área (p. 259). Sublinha, de forma pertinente, que a nossa organização dos média e da escola continua a colocar a leitura num lugar “recuado” (p. 267), pois acaba sempre por ser “aquilo que parece que deixamos para último lugar, aquilo que se faz depois de se fazer tudo aquilo que é necessário, quando devia estar na linha da frente” (p. 267).

Na última parte do livro, Isa Maio e Filipe Ligeiro analisam e discutem as suas investigações, com práticas e competências mediáticas e informacionais dos jovens

universitários, e comprovam a necessidade de um maior desenvolvimento das competências críticas e de mais participação cívica. (p. 288).

CONCLUSÃO

O objetivo principal dos editores Paula Lopes e Jaime Lourenço cumpre-se. Esta é uma obra que nos faz “pensar (e repensar) literacias clássicas e emergentes, novas formas de olhar a cidadania, os valores, as atitudes, e a vida” (p. 12). Mas, além disso, interpela-nos, de facto, para que tentemos compreender diferentes visões do mundo, num movimento de nos olharmos ao espelho e de olharmos o outro, de sentir e desenvolver empatia, interrogar preconceitos e crescer enquanto seres humanos, e como cidadãos responsáveis.

REFERÊNCIAS

Lopes, P. & Lourenço, J. (Eds.). (2023). *Literacia(s) e Cidadania(s)*. Livros Horizonte. 336 pp. ISBN 9789722420730.